



Via Fanzine
um jornal original!

Exclusivo:

Entrevista com Sérgio Mattos

Professor, jornalista e escritor.

**Por Pepe CHAVES*
Via Internet
Salvador-BA/Itaúna-MG**

Prof. Sérgio Mattos: 'A indiferença é uma forma de censura tão eficaz quanto o assassinato, que, na visão de George Bernard Shaw, 'é a forma extrema de censura'.'

O jornalista e professor universitário Sérgio Augusto Soares Mattos nascido em Fortaleza/CE, no ano de 1948 e residente em Salvador/BA, desde 1959, tornou-se um dos nomes mais ativos da cultura baiana, terra onde plantou sua vida profissional. Mostrando-se dono de uma postura imparcial, o professor Mattos nos parece o típico pensador destes tempos contemporâneos que não se rendeu às mazelas mundanas e ainda teima por fazer veicular informações de qualidade a todos que acessam os meios de comunicação.

Sérgio Mattos é autor de diversos trabalhos publicados (*box ao lado*), bacharel em Jornalismo pela UFBA e pós-graduado em Comunicação, com Mestrado e Doutorado pela Universidade do Texas, em Austin, Estados Unidos. Foi o primeiro doutor da Faculdade de Comunicação da UFBA (Universidade Federal da Bahia), tendo sido também responsável pela orientação da tese do primeiro doutor formado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Contemporânea da FACOM/UFBA. Mesmo dedicando-se à pesquisa e ao ensino, não abdicou de atuar no mercado e sempre se manteve no exercício do jornalismo diário, em inúmeras funções editoriais nos jornais baianos.

No ano de 2000 foi o vencedor do "Prêmio de Comunicação Luiz Beltrão", na categoria de "Maturidade Acadêmica". O prêmio foi outorgado pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, que congrega mais de 500 pesquisadores da área. A outorga do troféu ocorreu durante o XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Manaus, Amazonas.

O "Prêmio Luiz Beltrão de Ciência da Comunicação" tem a finalidade de reconhecer a qualidade do trabalho acadêmico realizado nas universidades ou nos centros de pesquisa, valorizando a atuação individual e coletiva. Professor Adjunto IV aposentado da UFBA, desde o ano 2000, Sérgio Mattos é diretor do Campus I das Faculdades Integradas Ipitanga, mantidas pela UNIBAHIA – Unidade Baiana de Ensino, Pesquisa e Extensão, no município de Lauro de Freitas - BA, além de exercer a função de coordenador dos cursos de Jornalismo e Relações Públicas.

Completando suas atividades profissionais, Sérgio Mattos ocupou a função de editor dos suplementos de Municípios e Rural do jornal *A Tarde*, de Salvador até fevereiro de 2003. Paralelamente a estas funções profissionais, ele foi presidente fundador do IBL – Instituto Baiano do Livro, e presidente fundador da ALAS – Academia de Letras e Artes de Salvador. Na década de 80 do século passado foi diretor do Instituto de Radiodifusão Educativa do Estado da Bahia – IRDEB, quando foi responsável pela elaboração dos projetos para a implantação da TV Educativa da Bahia. Sérgio Mattos é autor de 26 livros, sendo sete deles de poemas e um de crônicas infanto-juvenis, além de dezenas de artigos e capítulos de livros na área da comunicação. Dentre seus trabalhos mais recentes destacam-se: "Imparcialidade é Mito" (2001) e "História da Televisão Brasileira: uma visão econômica, social e política" (2002) e o seu mais recente trabalho "Mídia Controlada: A história da censura no Brasil e no mundo" (2005).

Nesta entrevista abordamos diversas nuances da censura (no seu mais amplo sentido) colocada em prática por poderes totalitários, instituições e regimes governamentais em distintas épocas da história humana. Em seu último livro, Mattos trata a censura de frente e, corajosamente, aponta alguns mecanismos literalmente conspiratórios que visam preservar diversas informações das grandes massas, criando assim, a desinformação, o despistamento e o plantio de inverdades.

Em tempo, agradecemos ao professor Mattos que gentilmente nos concedeu a presente entrevista por e-mail, proporcionando aos nossos leitores informações exclusivas de uma fonte altamente especializada e atual. Avante, professor!

A entrevista:

Via Fanzine - Professor Mattos, o que lhe motivou a escrever o seu último livro *Mídia Controlada - A História da Censura no Brasil e Mundo* (Editora Paulus, 2005)?

Sérgio Mattos – Na verdade, minhas pesquisas e livros giram em torno dos veículos de comunicação, principalmente a Televisão, e tudo que historicamente lhe dizem respeito. A censura sempre esteve presente na história da comunicação e dos veículos. No caso específico, este livro "Mídia Controlada", evoluiu com base em dois textos que preparei e apresentei durante o V e o VI Ciclos de Estudos de Estratégia da Escola de Comando e estado-Maior do Exército (ECEME), apresentados respectivamente no dia 3 de junho de 1991 e 18 de maio de 1982, no Rio de Janeiro. A partir dos dois textos continuei minhas pesquisas e neste livro

desenvolvo algumas observações com o objetivo de contribuir para a análise de alguns ângulos das relações entre o Estado e os meios de comunicação. Neste livro analiso o impacto de governos em veículos de comunicação de massa, discutindo os principais meios pelos quais o Estado tem historicamente influenciado e controlado os veículos de comunicação. Descrevo e contextualizo a história da censura no mundo e no Brasil, além de considerar a censura exercida em períodos de conflitos armados. Pontuo também as novas formas sutis de censura que estão sendo impostas aos veículos de comunicação em particular e à sociedade em geral.

Via Fanzine - E como era tratada a Comunicação no Brasil nos tempos da ditadura?

Sérgio Mattos - No Brasil, a censura foi um legado da colonização. Ela sempre esteve com a gente desde o início. Mas, durante o período de 1964 a 1985 os governos militares aplicaram vários tipos de pressão econômica aos meios de comunicação e massa. Como instrumentos de pressão econômica podemos citar: concessão da publicidade oficial para este ou aquele veículo; exercício de pressões oficiais sobre o anunciante privado, forçando-o a conceder anúncios ou deixar de veiculá-los em jornais não-simpáticos ao governo, ou induzindo-o a concentrar suas publicações em veículos que estivessem apoiando suas decisões políticas. Além da censura política e econômica a ditadura também exerceu a censura policial contra os veículos de comunicação e contra jornalistas e intelectuais de um modo geral. A institucionalização da censura federal teve início no país com a lei 4.483, sancionada em 16 de novembro de 1964 e regulamentada pelo decreto 56.510, de 28 de junho de 1965. Observe-se que os Atos institucionais baixados pelo regime militar foram instrumentos fortíssimos de censura, principalmente o AI-5. Com a edição do Ato Institucional nº 5, no dia 13 de dezembro de 1968, a censura passou a ser exercida com toda a força no Brasil. Nos dias seguintes à edição do AI-5 foram feitas mais de 200 prisões de jornalistas, políticos, artistas, professores e religiosos. A Censura aos veículos de comunicação, principalmente a televisão, durante o regime militar, além de facilitar a manipulação da opinião pública, limitou o crescimento da produção do próprio veículo, castrou a criatividade e incentivou a autocensura, que passou a ser adotada pelas próprias emissoras, que constituíram seus departamentos de autocensura ou de controle de qualidade. Durante o governo Médici (1969-1974) inúmeras pressões foram exercidas sobre as emissoras de televisão mediante punições com multas e até suspensão de alguns programas, como medida corretiva. A censura nesse período era efetuada mediante lacônicos e secos bilhetes dirigidos às redações dos veículos de comunicação ou por meio de telefonemas dirigidos aos editores. A censura entre 1968 e 1978 utilizou muito "bilhetes" de proibição. O último deles, que foi encaminhado aos jornais em novembro de 1978, censurava a divulgação de notícias sobre o general Hugo Abreu, que liderava um grupo de militares dissidentes. Entre os inúmeros bilhetes de caráter nacional ou regional, sobre todo e qualquer assunto, visavam proibir as ações e declarações provenientes da Igreja Católica e de seus membros. Nessa época, o papa, bispos e padres foram censurados por meio de ofícios, circulares, bilhetes xerografados ou transmitidos por telex.

'Alguns veículos, que adotaram uma postura amigável e de sustentação às ações governamentais, têm-se beneficiado de empréstimos, subsídios, isenção de impostos, além de receberem publicidade oficial. Outros, que têm assumido postura crítica perante as políticas governamentais, não têm recebido o mesmo tratamento'

Via Fanzine - Quais foram as mudanças mais significativas que surgiram após a ditadura?

Sérgio Mattos – Após a ditadura o que acabou foi a forma de Censura Policial. Os outros instrumentos de controle continuaram e continuam sendo praticados. Podemos afirmar que as pressões políticas e econômicas, em conjunto com a censura, exerceram e continuam a exercer grande influência no desenvolvimento dos meios de comunicação de massa no Brasil. Alguns veículos, que adotaram uma postura amigável e de sustentação às ações governamentais, têm-se beneficiado de empréstimos, subsídios, isenção de impostos, além de receberem publicidade oficial. Outros, que têm assumido postura crítica perante as políticas governamentais, não têm recebido o mesmo tratamento. Exatamente por isso não podemos perder a noção de que a censura também pode ser motivada indiretamente. Ela pode induzir a autocensura, estimulando um sentimento de compromisso político que gera o medo de contar a verdade. A censura é um instrumento por meio do qual se pode manipular a realidade. Entretanto, deve-se registrar que apesar das crises e tentativas de controlar a mídia por meios econômicos ou policiais, ou pela falta de ética tanto do profissional como do veículo, nunca conseguiram impedir a existência de profissionais, tanto aqui como em qualquer lugar do mundo, que conseguem resistir às pressões, revitalizando a função social e crítica da imprensa, que contribui diretamente para a conscientização da população e para o livre exercício da cidadania.

Via Fanzine - Para o senhor, até que ponto os interesses econômicos externos investem e influenciam nos grandes veículos da mídia brasileira?

Sérgio Mattos - Houve uma época em que os grandes proprietários da mídia norte-americana pensavam que deveriam adquirir veículos de comunicação para exercerem suas influências. Depois, a partir dos anos 70 do século passado, descobriram que para controlar os veículos, principalmente do terceiro mundo, bastava controlar as fontes de produção e distribuição dos conteúdos de mídia e controlar as verbas publicitárias. Mais recentemente começaram a se tornar comum a prática das fusões entre grandes corporações da mídia mundial (produtores, distribuidores e transmissores/veículos de informações). Esta moda ainda não chegou ao Brasil, mas devido às dificuldades financeiras enfrentadas nos últimos 10 anos, os proprietários de mídia do Brasil conseguiram a aprovação de uma lei que permite a participação acionária do capital estrangeiro na mídia impressa. Algumas empresas de mídia brasileira já contam com esta participação. Em julho de 2004, por exemplo, a *Editora Abril* vendeu uma parcela de 13,8% para o grupo americano *Capital Group*, num acordo estimado em 50 milhões de dólares, abrindo perspectivas para outros grupos. Esse foi o primeiro aporte de capital estrangeiro na mídia impressa desde a modificação da lei que passou a permitir essa participação. Apesar de ainda não termos registradas fusões de grupos de mídia no Brasil, várias experiências conjuntas estão sendo realizadas em parcerias que se apresentam como alternativas de sobrevivência da mídia impressa. O jornal *Valor Econômico*, por exemplo, é uma experiência fruto de ação conjunta das *Organizações Globo* e o *Grupo Folha*. Outro tipo de experiência é a de *O Dia* e o *Jornal do Brasil* que firmaram parceria para impressão dos veículos no mesmo parque gráfico para reduzir custos. Assim sendo, podemos dizer que no Brasil outras tendências que se apresentam como fortes indicadores para o futuro da mídia impressa: haverá uma maior convergência no que diz respeito à distribuição do conteúdo jornalístico; novas parcerias entre grupos de mídia serão realizadas em níveis nacional e regional; a mídia vai tentar manter a *fidelização* de leitores e anunciantes; na tentativa de reduzir custos, o processo de desmonte das equipes (demissões de profissionais observadas nos últimos cinco anos) tende a continuar; como consequência das possíveis fusões de empresas haverá uma redução, para os cidadãos, do número das fontes de informação. Gostaria, entretanto, de reforçar que a influência estrangeira, a concentração da mídia nas mãos de poucas pessoas, a orientação para o lucro, a dependência de subsídios e isenções oficiais, a localização nos grandes centros e diversos outros fatores, que abordo no livro *Mídia Controlada*, mostram como o jornalismo ainda hoje se sente dependente e de certo

modo censurado, seja externa ou internamente. A crítica a todos estes elementos é essencial, pois a liberdade de imprensa é imprescindível para a construção de uma sociedade democrática e livre.

'Logo após a ditadura a imprensa brasileira assumiu a posição de querer passar o Brasil a limpo e praticou o denunciismo. Àquela época foram cometidos muitos pecados, mas pelo menos a imprensa não se omitiu'

Via Fanzine - O senhor pode citar algum exemplo notório ocorrido no Brasil ou no mundo, onde uma informação de interesse comum foi censurada em detrimento de interesses multinacionais?

Sérgio Mattos – Não. Para tanto seria necessário a realização de uma pesquisa específica, que detalhasse o que e quando ocorreu. No caso dos últimos conflitos de guerra temos exemplos claros de informações censuradas e que eram de interesse de grupos ou de nações. Mas com referência específica à sua pergunta responder sem um levantamento fica difícil. Sabe-se, por exemplo, que durante a ditadura era proibido divulgar que a *Tibras* e/ou a *Dow Química* eram plataformas industriais extremamente poluidoras e esta proibição beneficiava as multinacionais que estavam se implantando no país.

Via Fanzine - Como o senhor entende o papel da mídia brasileira nesses tempos em que, caem deputados, surgem denúncias envolvendo autoridades políticas e que vêm à tona alguns nomes que jamais supúnhamos que estariam envolvidos em fraudes?

Sérgio Mattos - Apesar da Constituição de 1988 garantir plena liberdade de imprensa, é preocupante o ressurgimento da censura prévia no Brasil, incluídos aqui as tentativas de aprovação da *Lei Mordaza* e o uso de outras ferramentas econômicas, jurídicas e policiais para intimidar a imprensa e os jornalistas. Logo após a ditadura a imprensa brasileira assumiu a posição de querer passar o Brasil a limpo e praticou o denunciismo. Àquela época foram cometidos muitos pecados, mas pelo menos a imprensa não se omitiu. No presente momento que estamos vivendo com denúncias de corrupção política e CPIs, a imprensa também não está se omitindo, ela está cumprindo o seu papel, mesmo desagradando a muitos.

Via Fanzine - Professor, existe uma situação, onde de fato, as informações devem ser censuradas pelo próprio bem-estar das populações, em face aos assuntos tratados como sendo de Segurança Nacional e outros de mesma envergadura ou, para o senhor, as pessoas necessitam saber a mesma verdade a que estão cientes os seus governantes?

Sérgio Mattos - Vou responder a esta pergunta citando John Stuart Mill, com o qual concordo plenamente, que disse: *"Decidir que opiniões devem ser permitidas ou proibidas significa escolher opiniões para as pessoas. Quem escolhe opiniões para o povo possui controle absoluto sobre suas ações, e pode manipulá-las em benefício próprio com perfeita segurança"*. Assim sendo, por princípio, sou contra todo tipo de censura. Outra citação interessante, que reforça minha posição, é uma frase do Papa Pio XII que disse: *"Abafar a opinião dos cidadãos, reduzi-la ao silêncio forçado, é, aos olhos de todos os cristãos, um atentado ao direito natural do homem, uma violação da ordem do mundo, como deus estabeleceu"*. Para concluir podemos ainda citar John Adams que disse: *"Caso, algum dia, venha a ocorrer um aperfeiçoamento do gênero humano, os filósofos, teólogos, legisladores, políticos e moralistas descobrirão que a regulamentação da imprensa é o problema mais importante, difícil e perigoso de resolver"*. Assim sendo, devo, como todos, apoiar e fazer valer o que está registrado no artigo XIX da Declaração Universal dos Direitos Humanos: *"Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar,*

receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras”.

'O desenvolvimento tecnológico e o fortalecimento das estruturas burocráticas governamentais poderão contribuir para o surgimento de novos métodos de controle dos meios de comunicação de massa'

Via Fanzine - Por favor, nos fale um pouco do conteúdo do seu livro *Mídia Controlada: a história da censura no Brasil e no mundo*.

Sérgio Mattos - A história da comunicação social em todos os países mostra constantes conflitos originados pela censura. No Brasil, o controle exercido sobre a mídia, seja econômico, político ou policial, existe desde o início do jornalismo e se mostrou mais agressivo em determinados momentos históricos, como no período da ditadura militar de 64. Neste livro, “Mídia Controlada” eu procuro resgatar a história dessa censura no Brasil e no mundo, analisando os instrumentos de controle, as leis e a estrutura dos meios de comunicação. O conteúdo do livro, além da introdução, das conclusões e dos anexos, está distribuído em cinco capítulos básicos: 1) Os instrumentos de controle dos meios de comunicação no Brasil; 2) O controle político e econômico; 3) A censura policial – história da censura no mundo; 4) Censura policial no Brasil – história da censura no Brasil; 5) O desenvolvimento dos meios de comunicação no Brasil. Vale destacar que no primeiro capítulo, quando tratamos dos instrumentos de controle, a *Lei Mordaza*, o Conselho Federal de Jornalismo (CFJ) e a Ancinav e a *Lei Geral das Comunicações* são abordadas. No capítulo 3, na parte destinada à história da censura no mundo, nos concentramos também na censura de guerra, estabelecida desde a guerra da Criméia, em 1854, até os dias atuais com a invasão do Iraque e a censura exercida sobre a mídia americana pelo governo Bush.

Via Fanzine - Agradecemos pela entrevista e pedimos para o senhor nos deixar suas considerações finais.

Sérgio Mattos - Gostaria de agradecer a oportunidade de divulgar meu trabalho em *Via Fanzine*, esperando que tenha respondido de forma a esclarecer os leitores sobre o que ocorre no mundo da mídia sob censura. Naturalmente que maiores detalhes podem ser encontrados no livro *Mídia Controlada: a história da censura no Brasil e no mundo*, onde exemplos detalhados são relatados sobre todos os tipos de censura e não apenas aqueles praticados contra a imprensa. No livro abordamos também as tentativas de se censurar a Internet que vêm favorecendo o fortalecimento do que poderíamos considerar como a era de liberdade de expressão quase absoluta e em escala global. Isso tem estimulado muitos governos autoritários a lançar mãos de todo tipo de tentativas de censurar e-mail e sítios *naweb*. Vale lembrar que o desenvolvimento tecnológico e o fortalecimento das estruturas burocráticas governamentais poderão contribuir para o surgimento de novos métodos de controle dos meios de comunicação de massa. Métodos muito mais eficazes, pois a tendência que se pode observar é que a censura está se tornando cada vez mais sutil e complexa, desde que Herbert Marcuse desenvolveu a tese que ele denominou “tolerância repressiva”. Segundo Marcuse, qualquer idéia perturbadora pode ser simplesmente ignorada ou, quando tolerada, ela é sobrelevada e obscurecida, gerando com a permissividade, “uma espécie de censura ao contrario”. A indiferença é, portanto, uma forma de censura tão eficaz quanto o assassinato, que, na visão de George Bernard Shaw, “é a forma extrema de censura”.

* **Pepe Chaves** é editor do jornal *Via Fanzine*.

O livro *Mídia Controlada: a história da censura no Brasil e no mundo*, de Sérgio Mattos, pode ser adquirido nas principais livrarias do Brasil ou através da **Editora Paulus** pelo e-mail: editorial@paulus.com.br ou telefone (11) 5084-3066 e fax (011) 5579-3627. O endereço postal da Editora Paulus é: Rua Francisco Cruz, 229 - Cep 04117-091 - São Paulo - SP- Brasil. Web site: www.paulus.com.br.

- Para saber mais sobre **Sérgio Mattos**, visite:

Home page oficial: www.sergiomattos.com.br

Blog: <http://smattos.blog.com> e <http://metasiqma.multiply.com>

- **Fotos: Divulgação.**

- **Produção: Pepe Chaves.**